

# A Manobra de Piquiciri

## Parte 2

GENERAL SERGIO R. D. MORGADO

.....



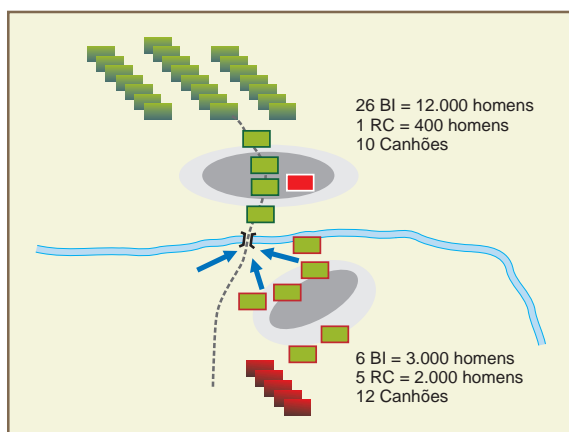
**N**a primeira parte do presente ensaio, que trata da Guerra da Tríplice Aliança, envolvendo o Império do Brasil, a República Argentina e o Uruguai contra a República do Paraguai, no episódio historicamente conhecido como “*Dezembrada*”, o autor descreveu as dificuldades da Marcha para o Combate, um percurso de cerca de duzentos quilômetros, em terreno inóspito, percorridos a partir da cidadela de HUMAITÁ, debaixo de chuva, ao longo de trinta e seis dias. Trata, também, do primeiro movimento da fenomenal manobra idealizada pelo Duque de Caxias para envolver o inimigo pela retaguarda – a construção de uma estrada pelo Chaco, terreno muito mais inóspito e insalubre, que possibilitou o envolvimento. Nesta segunda parte serão descritas e analisadas as três batalhas que compuseram a manobra, que determinou a quase total destruição do Exército de Solano López, inviabilizando qualquer reação ofensiva, pela destruição do seu poder de combate.

### A *Dezembrada*

Ao raiar do dia 6, Argolo iniciou seu movimento em direção à ponte do Arroio Itororó, por uma estrada cercada de capoeirões e ligeiramente acidentada, como a descreveu Dionísio Cerqueira. Na vanguarda seguiram o Coronel Fernando Machado e sua 5ª Brigada de Infantaria, com seus quatro batalhões, sendo dois de linha e dois de voluntários. Dispunha de elementos de cavalaria, talvez um esquadrão, e de uma bateria de canhões do 2º Regimento de Artilharia a Cavalos. Do outro lado do arroio, um obstáculo de margens empedradas, no local da ponte, quase a prumo, com largura de quatro metros e com uma profundidade até a linha d’água de outros quatro metros; o terreno era

matoso, coberto por densa vegetação ciliar, que favorecia as ações defensivas. Próxima a ele, uma ligeira elevação, também coberta de vegetação, que oferecia proteção das vistas e dos fogos da tropa atacante. Nesse anfiteatro, Bernardino Caballero dispôs seus meios. Colocou quatro canhões de cada lado da ponte, cruzando fogos com tiros diretos; na colina, os quatro restantes, batendo frontalmente. Seus 3 mil infantas foram colocados em atiradores, aproveitando o terreno e a proteção da vegetação. Sua cavalaria ficou à retaguarda da colina, concentrada e igualmente protegida das vistas e dos fogos dos brasileiros.

A ponte, tosca e de madeira, com três metros de largura, só permitia a passagem de linhas de quatro a seis homens emassados ombro a om-



bro, donde se deduz que o escoamento da tropa nessa travessia foi realizado em coluna de pelotões. Embora o poder relativo de combate favorecesse Caxias – eram 17 mil homens contra 5 mil, o terreno foi o fator preponderante que conduziu as ações.

Imaginemos o desembocar do ataque nessas condições e teremos as explicações para a carnificina que se seguiu. O gargalo criado não permitia a colocação de massa suficiente para atacar com sucesso o dispositivo paraguaio. Do lado brasileiro, a conformação do terreno não permitia

o posicionamento das peças de artilharia para apoiar as ações. O uso da cavalaria também não contribuiu para o êxito, pois, além de disputar com a infantaria o espaço existente para manobrar, não encontrou espaço adequado para o seu emprego.

Durante cinco horas, colunas de homens reforçavam o insucesso, e a confusão se estabelecia entre as tropas que desembocavam da ponte e as que retraíam sob o fogo de canhões e fuzis, além das cargas da cavalaria paraguaia e ainda da presença nesse espaço da cavalaria brasileira.

Os comandantes, nos diferentes escalões, impulsionavam seus subordinados para o combate, estimulando-os a enfrentar o inimigo, mesmo em situação de inferioridade. Dando o exemplo, colocavam-se à frente de suas tropas e se lançavam ao ataque. Assim caíram Fernando Machado, Hilário Gurjão, Argolo, Deodoro da Fonseca e tantos outros. O próprio Caxias assim procedeu, quando sentiu o desânimo percorrer a tropa empenhada. De espada em punho atravessou a ponte a galope e num esforço derradeiro arrastou seus homens para a vitória.

Em Itororó, perdemos 132 oficiais, num total de 1800 baixas.

Duas considerações devem ser feitas em benefício deste estudo. A primeira se refere à participação, no combate, do 3º Corpo de Exército, comandado por Osório. Colocado à retaguarda do dispositivo, foi acionado por Caxias no começo da batalha, que determinou seu emprego numa ação de desbordamento por oeste para atingir o flanco do dispositivo paraguaio. Guiado por um vaqueano paraguaio, enfrentou dificuldades com o terreno e só conseguiu chegar à zona de ação trinta minutos após o término da batalha.

A outra consideração trata de um relato de Dionísio Cerqueira que, como tenente ajudante do 16º Batalhão de Infantaria, o batalhão de Tibúrcio,

tropa que compunha a vanguarda da 1ª Brigada, tropa da Divisão Gurjão e do 2º Corpo de Exército de Argolo, esteve presente ao combate desde o seu início. Destacado para proteger os canhões que foram colocados na margem anterior, com a finalidade de apoiar o desembocar do ataque, não chegou a ultrapassar a ponte. Terminada a batalha, percorreu parte das margens do arroio, de um lado e do outro da ponte, e constatou existirem locais onde a ultrapassagem poderia ter sido realizada.<sup>1</sup> Por que não foram usados?

É uma interessante questão de análise, uma vez que a duração do combate – cinco horas – e as dificuldades encontradas levariam à busca de uma conduta que permitisse resolver o impasse da ponte. Naquele compartimento atuavam comandantes experientes e tropa composta por veteranos de inúmeras refregas, como as que participaram durante a marcha para Palmas e nos reconhecimentos e inquietações no Piquiciri, como foi o caso da 5ª Brigada de Infantaria.

Considerando os dois corpos de exército empenhados nesse ataque, visualizemos o emprego, pela ponte, das oito brigadas e seus 27 batalhões, em coluna de pelotões, além da pouca, mas participante, cavalaria de Niederauer. Todos desembocando no pequeno campo, “uma ampla clareira aberta na mata por velha derrubada;”<sup>2</sup> todos submetidos ao fogo dos infantas da artilharia paraguaia aí concentrada, e às cargas da cavalaria de Caballero.

E, quanto à atitude do nosso marechal, o comandante-em-chefe, descendo de seu posto de

comando instalado na colina ao norte do arroio e arremetendo pela ponte, depois de presenciar a sucessão de insucessos de seus batalhões, brigadas e divisões, pressentiu ser aquele o momento decisivo, pois um resultado semelhante ao de Curupaiti impediria o êxito da manobra do Piquiciri e prolongaria a campanha por tempo indefinido. Lançando mão da brigada que lhe restava, a 9ª, determina a dois de seus batalhões, o 46º e o 51º, que ultrapassem a ponte e formem quadrado para barrar a carga da cavalaria paraguaia; e, em seguida, com os outros dois e seu piquete, composto por trinta lanceiros rio-grandenses, arremete em direção ao inimigo. Era tudo ou nada. Seu carisma e sua liderança lhe proporcionaram a vitória.<sup>3</sup>

Os paraguaios se retiraram para o sul, na direção de Villeta, e daí a pouco chegou Osório, com seus 4690 homens, incidindo sobre o flanco da posição, reforço contra o qual Caballero não teria meios para se opor. Tiveram 1200 baixas e perderam seis canhões, muita munição e grande quantidade de armamento.

Terminada a batalha, Caxias tratou de reorganizar seus meios. Determinou que o 2º Corpo protegesse a ponte, o local de desembarque e a retaguarda do dispositivo face ao norte. O Brigadeiro José Luís Mena Barreto substituiu Argolo. Com os 1º e 3º Corpos prosseguiu para o norte, indo acampar nas alturas de Capela Ipané, posição elevada e dominante que lhe proporcionava segurança contra possíveis surpresas. Como só se haviam distribuído munição e víveres para três dias, naquela noite a ração foi de espigas de milho, colhidas nas redondezas do bivaque. Relata Dionísio Cerqueira que Caxias e seu estado-maior delas se alimentaram, dando exemplo de companheirismo e servidão.

No dia 8, choveu torrencialmente e o exército só se moveu no dia seguinte, na direção do

<sup>1</sup> Cerqueira, Dionísio – Reminiscências da Campanha do Paraguai – BIBLIEX – 1980 – pág 274.

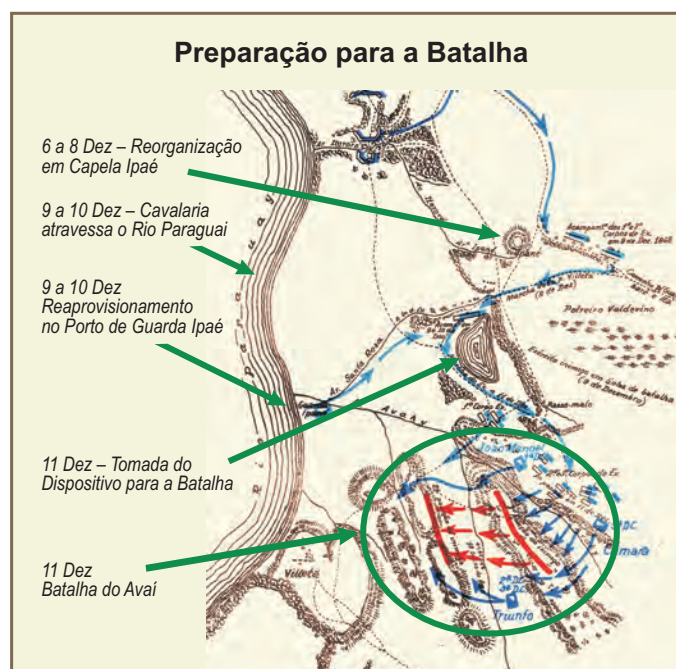
<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Tasso Fragoso, A História da Guerra da Tríplice Aliança – Imprensa do EME – 1934 – Volume IV – pág 68 e 69.

rio, para receber suprimentos e munição da esquadra, surta em Porto de Ipané, uma barranca na foz desse arroio junto ao Rio Paraguai. Caxias mandou atravessar o grosso da cavalaria, que havia permanecido no Chaco, ao comando de Andrade Neves. Eram quatro divisões, cerca de 4 mil homens.

No dia 11, reorganizada e ressuprida a tropa, Caxias retomou o movimento, tendo como objetivo a conquista de Villeta, um porto que lhe proporcionaria um ponto de apoio necessário ao prosseguimento das operações sobre o Piquiciri. A leste da vila algumas elevações dominam o caminho que, vindo do norte, a ela conduz. Entre elas, correm dois arroios, dos quais o primeiro se chama Avaí. Nesse cenário foi travada a batalha, um épico que a genialidade de Pedro Américo perpetuou.

Foi o local escolhido por Bernardino Caballero para tentar impedir ou retardar o avanço do exército imperial contra as posições de Lomas Valentinas, reduto escolhido por López para deter o avanço dos aliados. Conta Centurion em suas memórias que Caballero, respondendo a uma indagação sobre as possibilidades da posição do Arroio Avaí para enfrentar o exército imperial, disse que não era boa, por ser acessível de qualquer lugar, e propôs a López concentrar seus meios nas Lomas Valentinas. O ditador mandou dizer-lhe que, “se eles não se animavam a fazer frente ao inimigo nessa posição, tinha outros chefes que fariam as suas vezes”,<sup>4</sup> ao que Caballero replicou que “ele e seus companhei-



ros se consideravam muito capazes de realizar a defesa até sucumbirem todos ou conseguirem o triunfo”.<sup>5</sup>

Três coxilas e dois arroios compunham o cenário da batalha. No do centro, dominando o corte do Avaí por oeste, Bernardino Caballero dispôs seus meios. Eram 5600 homens, segundo Centurion,<sup>6</sup> infantaria no centro, apoiada por 18 canhões, e a cavalaria nos flancos.

Na outra colina, a leste do arroio, Caxias encolunou seus meios. Eram 19 mil homens, o 3º Corpo de Osório na vanguarda, seguido pelo 2º, de José Luís, ao centro, e o 1º, de Bittencourt, na retaguarda.

Registra Tasso Fragoso que Caxias concebeu a seguinte manobra: “Atacá-lo de frente e envolvê-lo simultaneamente pelos dois flancos para lhe cortar a retaguarda.”<sup>7</sup>

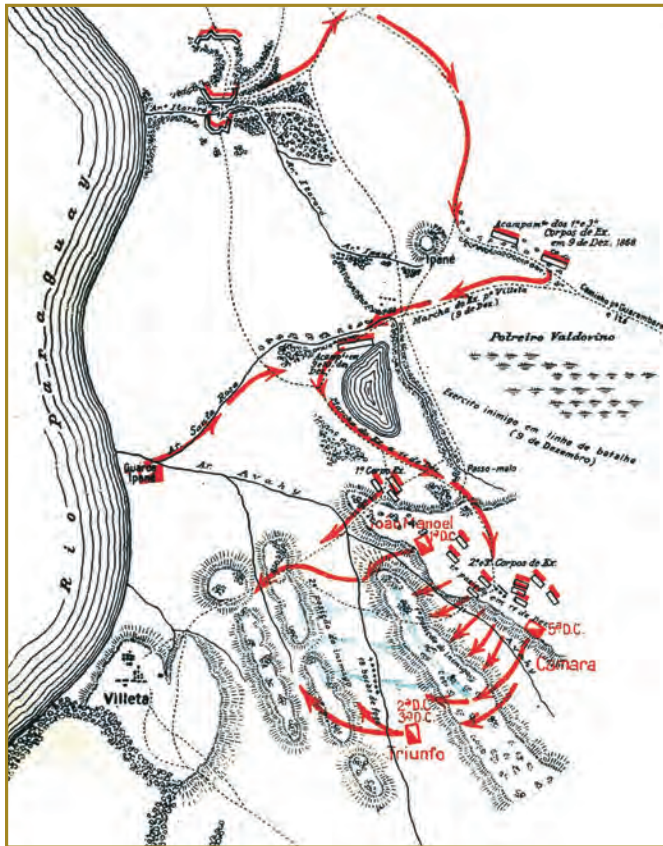
Ao estudar o esquema de manobra de Caxias, observamos que ele lançou Andrade Neves pelo flanco esquerdo da posição inimiga, à testa de duas divisões de cavalaria, a 2ª de Niederauer, e a 3ª de Vasco Alves, num total de 2500 homens.

<sup>4</sup> Centurion, Crisóstomo – Memórias – Editora Guarania – Assunção – Paraguai – 1944 – Tomo III – pág 208.

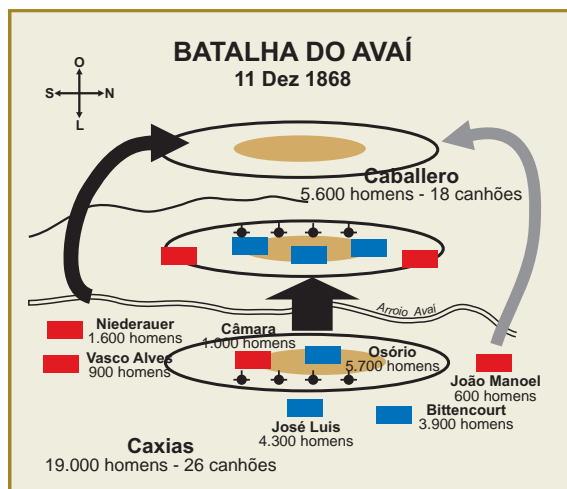
<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid, pág 212.

<sup>7</sup> Tasso Fragoso, ibid, pág 80.



Pelo flanco direito seguiu João Manoel com a 1ª Divisão de Cavalaria – 900 homens. A 5ª Divisão de Cavalaria e seus 1mil homens, comandada por Câmara, foi entregue a Osório para romper o combate no corte do Avaí. O 1º Corpo ficou orientado para o flanco direito e o 2º, como reserva imediata, para o flanco esquerdo. A artilharia



de Lobo D’Eça – o 2º Regimento de Artilharia a Cavalos – rivalizava-se com a paraguaia e foi colocada na encosta da coxilha para apoiar o ataque.

Penso que a disposição de um maior número de meios ao sul do dispositivo foi determinada pela necessidade de oferecer segurança, em face da possibilidade de intervenção de López a partir de seu dispositivo em Lomas Valentinas, onde existiam cerca de 10 mil homens.

Do mesmo modo, idênticas medidas foram tomadas face ao norte, tendo em vista a possibilidade de reforço proveniente de Assunção. Em Capela de Ipané, foi posicionada uma das brigadas do 1º Corpo, eram três, para fazer a segurança do dispositivo.

O combate começou com a 5ª Divisão de Cavalaria rompendo o movimento em direção ao inimigo, seguida pela 3ª Brigada de Infantaria (quatro batalhões). Ao cruzarem o arroio, encontraram os paraguaios com seus meios colocados em batalha, conforme já descrito. Rompeu-se o fogo. Osório apenas empregou esses quatro batalhões, dos 14 que possuía, derivando para a direita da posição inimiga, que pretendia flanquear.

Cruzado o Avaí, desabou um temporal e o arroio se encheu, dificultando o movimento. Osório prosseguiu e Caballero empregou parte de sua cavalaria sobre a 3ª Brigada que, submetida ao temporal, não conseguira formar quadros (que era a maneira de combater da infantaria em face das cargas de cavalaria). Osório empregou a cavalaria de Câmara pela esquerda para aliviar a pressão dos paraguaios. Caballero contra-atacou com o restante de sua cavalaria apoiada pela infantaria.

A 3ª Brigada e a 5ª Divisão de Cavalaria não conseguiram resistir e começaram a retrain. Caxias interveio e determinou que o restante da in-

fantaria do 3º Corpo (três brigadas – dez batalhões) fosse empregado. Além disso, manobrou com o 2º Corpo (três brigadas – dez batalhões), lançando-o pela esquerda de seu dispositivo, ficando com o 1º Corpo em reserva (cinco brigadas – 17 batalhões). As divisões de cavalaria já haviam iniciado o seu movimento em direção à retaguarda do dispositivo paraguaio.

Osório, ao perceber o retraimento da 3ª Brigada, reconduziu-a ao contra-ataque, mesmo em situação de inferioridade. Nessa ocasião foi ferido e retirou-se do campo de batalha. A 4ª Divisão de Infantaria, a mais numerosa do Exército, não conseguiu atravessar o arroio e reforçar esse contra-ataque.

Ao comando de Caxias, as divisões de infantaria dos 3º e 2º Corpos atravessam o caudal com água na altura do peito e se lançam ao ataque. Caballero é obrigado a retrair para a outra elevação na direção de Villeta, mas é cercado pelas divisões de cavalaria (1ª, 2ª e 3ª). O marquês emprega ainda o 1º Corpo pela direita em apoio a João Manoel e lança a divisão de Câmara pelo centro, junto com a infantaria. Fecha-se o cerco e o inimigo é destruído. Eram 13h, e, semelhante a Itororó, a batalha durara cinco horas. Dos 5600 homens só sobraram duzentos, que fugiram com Caballero em direção a Ita Ivaté. Foram capturados os 18 canhões paraguaios. As perdas brasileiras somaram 729 homens.

Ao meditar sobre o confronto em Avaí, tento entender por que Osório só usou uma brigada das quatro, que dispunha, no desembocar do ataque. O fato de essa brigada dispor de batalhões de infantaria de linha, enquanto as outras eram compostas por batalhões de voluntários,

teve alguma influência na sua decisão? Por que atacou com inferioridade de meios um inimigo posicionado a meia encosta da colina, em posições, ao que se sabe, não preparadas para a defesa, mas com comandamento sobre o atacante que vinha de baixo? Por que Caxias concordou com tal decisão?

Terminada a batalha, o exército dirigiu-se para Villeta, onde foi ressuprir-se e reorganizar-se junto da esquadra, que ali ancorou. Caxias descreveu os acontecimentos e fez suas avaliações em ofício ao Barão de Muritiba, Ministro da Guerra, onde relatou que “nossas perdas foram, em relação à do inimigo, muito mais insignificantes em número; todavia nas duas pejejas (6 e 11 de dezembro) temos tido fora de combate 2 mil homens, e entre eles temos a deplorar a morte de guerreiros abalizados que, cheios de patriotismo, se haviam devotado à causa nobre de vingar as injúrias da Pátria”<sup>8</sup>

E avaliou o desempenho de seus homens: “Nos combates de Itororó e do Avaí, assisti a atos muito vergonhosos e foi necessário que eu abandonasse minha posição de comandante-em-chefe para conduzir ao fogo e à carga batalhões inteiros e corpos de cavalaria, e ainda assim nem todos chegaram às fileiras inimigas. Muitos oficiais brasileiros perderam a vida em decorrência da indisciplina e tibieza dos corpos que comandavam.”<sup>9</sup>

Ao criticar tão duramente seus comandados após ter alcançado expressivas vitórias, Caxias deveria estar dando vazão ao desalento pela perda de seus comandantes mais experimentados e confiáveis. Em Avaí perdeu Osório, Niederauer, Pedra e muitos outros, num total de 49. Doratioto sugere que tal comportamento se devia à presença de escravos, não comprometidos com a idéia de pátria, estresse existente em função da

<sup>8</sup> Tasso Fragoso, *ibid*, pág 87.

<sup>9</sup> Doratioto, *ibid*, pág 166.

longa duração do conflito e à incapacidade da maioria dos oficiais de exercer influência moral sobre seus homens.<sup>10</sup>

Não concordo com Doratioto quanto à falta de liderança dos oficiais, mas também acho que o estresse foi elemento preponderante para o estado de espírito de todos nesse curto período de uma semana de combates tão intensos e decisivos. Ao longo de toda a campanha somente podemos considerar como tal as situações vividas na primeira batalha de Tuiuti e em Curuzu – Curupaiti. Na segunda batalha de Tuiuti, só uma pequena parte desse efetivo participou, bem como em Curupaiti. Os demais encontros foram entreveros que não tiveram essa expressão. Além disso, muitos dos participantes, e me refiro especialmente às praças, não estiveram presentes nas fases anteriores aqui enfocadas; as substituições e os recompletamentos sugerem essa assertiva. Por isso, é importante focar a análise na Campanha do Piquiciri e lembrar que, até aquele momento, o dia 13 de dezembro, quando a carta foi escrita, haviam decorridos 114 dias, pouco menos de quatro meses desses quase quatro anos de guerra, vividos em períodos de chuva intensa, antecidos de uma longa marcha de 200 Km por terreno insólito e por uma preparação de 26 dias no Chaco, terreno ainda mais insólito e alagado, para desembocar na retaguarda do inimigo e efetivar a manobra. Quanto aos escravos, sabemos que não compunham a maioria dos nossos soldados, pois no contexto da época constituíam um bem econômico de alto valor e eram imprescindíveis para a economia agrícola do país. É bem verdade que as solicitações de recompletamento continuaram a ser feitas e a prática de substituir um jovem recrutado por um

<sup>10</sup> Doratioto, *ibid*, pág. 166.

escravo foi realizada, mas não na quantidade que justificasse essa afirmação.

Penso que a real motivação para o desabafo de Caxias foi a perda de companheiros tão importantes, confiáveis e com expressiva experiência de combate. Esse sentimento de perda aliado à crença de que a guerra poderia estar terminada, como já havia sugerido em Humaitá, justifica a atitude de um chefe com as responsabilidades que lhe pesavam sobre os ombros, sobretudo um homem fiel a princípios morais, como o de lealdade com seus homens, o Imperador e a Pátria.

Faltava concluir a manobra atacando finalmente a posição onde estava López e de onde não saiu para participar, junto com seus bravos soldados, das cruentas batalhas que travaram para sustentar seu mandato. Não era um herói, muito menos um soldado. Só sabia mandar, não sabia comandar.

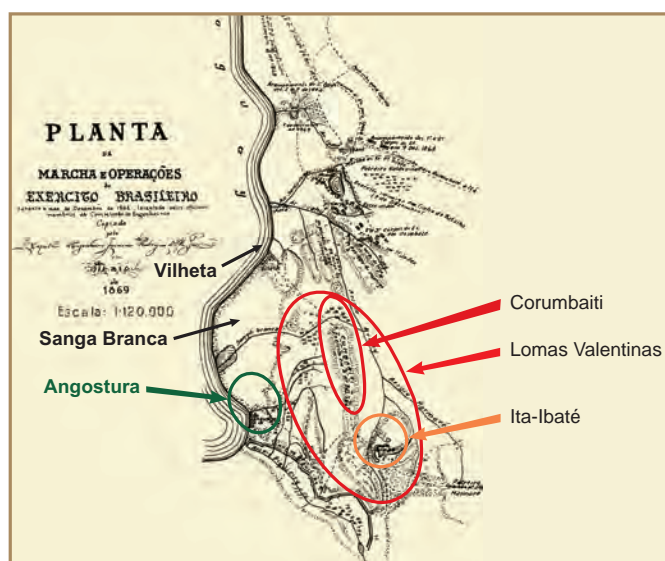
A primeira providência, após cuidar dos feridos e enterrar os mortos, incluindo os paraguaios, foi o ressuprimento e a reorganização do exército para o combate. Foi proporcionado um descanso à tropa. Cuidou da segurança do acampamento, mantendo a brigada em Capela de Ipané vigiando a estrada que vindo de Assunção incidia sobre o seu flanco norte. Cobriu-se face a López deslocando Andrade Neves e seu corpo de cavalaria para a região da Sanga Branca, que ficava ao sul de Villeta, ao sopé das Lomas Valentinas. Mandou vir do Chaco a brigada que ali era mantida e os pontoneiros que a apoiavam. Esses homens garantiam a possibilidade de apoio logístico ao longo da estrada do Chaco a partir de Porto Isabel. A Marinha recebeu ordens de buscar suprimento em Palmas, o que fez sob o fogo do fortim de Angostura, garantindo víveres para mais 15 dias.

Nesse ínterim, foram iniciados os reconhecimentos do entorno de Lomas Valentinas e ocor-

reram entreveros entre os nossos e a cavalaria paraguaiá. Caxias aproveitou para realizar um reconhecimento da posição de López e de sua topografia para definir sua manobra. A posição de Lomas Valentinas é formada por algumas colinas que se elevam suavemente no sentido norte-sul e terminam por um declive mais acentuado no sentido leste-oeste, sobre o corte do Piquiciri. A colina longitudinal é denominada de Corumbaiti e a transversal, de Ita-Ibaté.

O Coronel Guarmendia, oficial argentino que participou, nessa fase, apenas do combate final contra a posição de López, a descreveu com base em reconhecimentos feitos após a batalha. “A posição de López chamada Ita-Ibaté é uma altura dominante, coroada de duas mesetas extensas e sucessivas, cobertas de laranjais e pequenos capões de mato. Na sua frente só existiam dois caminhos, bastante escarpados e sombreados por espesso bosque; a sua extremidade direita era acessível por qualquer ponto; a retaguarda, embora apoiada em mato espesso, estava completamente dominada pela grande aberta ou descampado chamado Potreiro Marmol. Entre a primeira meseta e a segunda existia um pequeno vale, cuja passagem era defendida por uma linha de abatises malfeita e uma débil corrente de água. Na segunda meseta estava o quartel-general de López, próximo ao mato, que era, pode-se dizer, o último refúgio da defesa. Penetrando pelo caminho da esquerda da posição, depois de vencer a débil trincheira, encontrava-se o assaltante inopinadamente numa grande planície, em cuja extremidade sul existia um hospital sombreado por laranjeiras. Avançando mais na direção sul, passava-se o filete de água e encontrava-se outra planície. Nos flancos e em todos os pontos

havia pequenos bosques, laranjeiras e uma multidão de cercas e ranchos. O outro caminho mais à direita da posição desembocava em ponto idêntico, cujos flancos descobertos sugeriam com pequena diferença as mesmas observações. Percebia-se claramente que, depois de rechaçada na primeira linha, a infantaria retirar-se-ia para os matos de



sua retaguarda, deixando livre a manobra na planície; logo que esta fosse a seu turno repelida, aquela trataria de defender-se no seu último refúgio.”<sup>11</sup>

Tasso Fragoso cita a narrativa de Thompson que informa ter tentado construir uma nova linha de trincheiras desde Angostura até o quartel-general de López, que não pôde realizar por falta de gente e de tempo, e o ditador reuniu em torno de seu posto de comando cerca de 3 mil homens e grande quantidade de canhões e mandou abrir um fosso de meio metro de largura por outro tanto de profundidade, amontoando terra na frente para proteger os soldados dos tiros de fuzil. Cita ainda que, tendo colocado no fosso suas tropas, só dispunha de sua escolta como reserva. Manteve a cavalaria reunida à retaguarda das trincheiras.<sup>12</sup>

Analisemos, então, o tempo disponível que os paraguaios tiveram para preparar suas posições.

<sup>11</sup> Tasso Fragoso, *ibid*, pág 97.

<sup>12</sup> *Ibid*, pág 99.



Para organizar a posição em face do Piquiciri teve 62 dias – de 25 de julho a 24 de setembro; para preparar a posição de Ita-Ibaté teve 73 dias – de 10 de outubro a 21 de dezembro. São datas que têm como referência o início da disponibilidade ou do indício da direção de ataque e o momento em que o exército imperial se apresentou para o combate. São, ambos, prazos condizentes para uma preparação apropriada de uma posição defensiva, mesmo para a época, em relação aos meios disponíveis.

Thompson ainda esclarece que na antiga trincheira voltada para o Piquiciri foram colocados 1500 homens, na maioria, “inválidos e rapazes”, estando artilhada com peças de vários calibres, o que certamente dificultava o seu remuniamento.

Tasso Fragoso é de opinião que López conseguiu construir uma boa trincheira face ao norte, agora anulada pela manobra de envolvimento realizada por Caxias, mas lhe faltara tempo para construir idêntica obra face ao sul. Penso que faltou ao comandante paraguaio percepção antecipada da manobra que estava sendo preparada sobre a sua retaguarda, até mesmo crença de que por ali seria realizado o esforço principal. Deve ter começado tarde a construir suas defesas nessa direção e por isso faltou tempo. Um prisioneiro brasileiro em Ita-Ibaté, o Major Cunha Matos (aprimado em Tuiuti, em 3 de novembro de 1867), declarou que só percebeu que os paraguaios estavam fortificando a posição face ao norte em 12 de dezembro, portanto, após a batalha do Avaí.<sup>13</sup>

Tratemos da ação sobre as Lomas Valentinas. O reconhecimento feito por Caxias foi realizado no dia 17 de dezembro e ele decidiu atacar a posição paraguaia no dia 19. O plano de

operações determinava uma ação principal sobre Ita-Ibaté, ao comando do marquês, e duas ações secundárias: a primeira, a cargo de João Manoel com a sua 1ª Divisão de Cavalaria reforçada por infantaria e artilharia; a segunda, atribuída ao Coronel Câmara e sua 5ª Divisão de Cavalaria, era vigiar Angostura.

Para a conquista das Lomas, Caxias organizou duas colunas. A primeira, ao comando do Brigadeiro Machado Bittencourt, tendo por base o 1º Corpo, era composta por seis brigadas com 16 batalhões e atacaria o flanco esquerdo da posição. Somavam 6786 infantas. A segunda, comandada por Jose Luís Mena Barreto, tendo por base o 2º Corpo, era composta por outras seis Brigadas com 17 batalhões e atacaria o flanco direito. Somavam 7904 infantas. Na reorganização realizada em Villeta, o 3º Corpo foi dissolvido e suas unidades, distribuídas aos outros dois. O corpo de cavalaria de Andrade Neves, composto pelas 2ª e 3ª Divisões, recebeu a missão de contornar por oeste as Lomas Valentinas e explorar o Potreiro Marmol, arrebanhando todo o gado que ali encontrasse, batendo o inimigo que pudesse alcançar e impedindo a comunicação de López com as forças do Piquiciri ou quaisquer outras do interior.<sup>14</sup> Era composto por seis brigadas com 13 corpos de cavalaria. A 1ª Divisão, de João Manoel, era composta por duas Brigadas com três corpos – cedeu um corpo para a 2ª Coluna e foi reforçado por duas brigadas de infantaria com seis batalhões. Recebeu, ainda, uma bateria de canhões. A 5ª Divisão de Cavalaria era composta por duas Brigadas com quatro corpos, tendo, durante a batalha, entregue um corpo para João Manoel.

Na noite de 18 para 19, portanto na véspera do dia previsto para o ataque, um temporal inundou as várzeas e as sangas do campo de batalha e a partida foi adiada para o dia 21 de dezembro. Na

<sup>13</sup> Tasso Fragoso, *Ibid*, pág 99 – nota de pé de página.

<sup>14</sup> *Ibid*, pág 104.

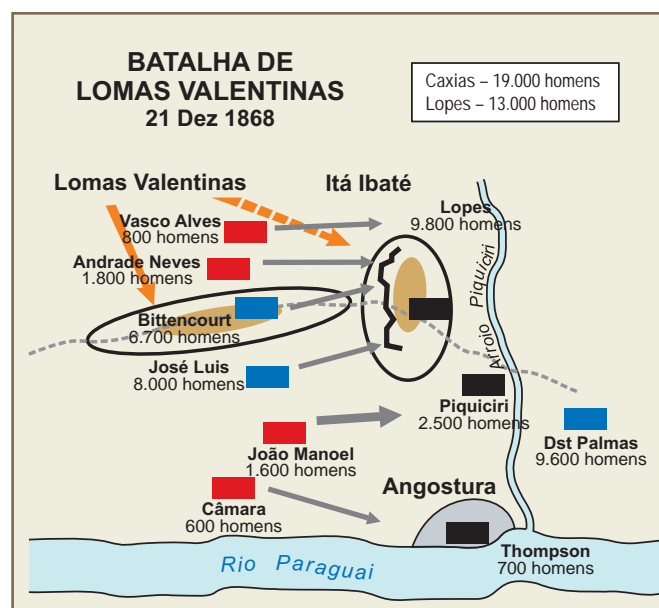
madrugada, às 2h, o exército rompeu sua marcha em direção ao inimigo. Uma hora antes partiu Andrade Neves para cumprir sua missão. Ao raiar do dia chegou diante da posição inimiga, que rompeu fogo com sua artilharia. Deixou um corpo em proteção à sua retaguarda e prosseguiu para o Potreiro Marmol. Aí determinou a Vasco Alves que o penetrasse com a 3ª Divisão enquanto ele ficava com a 2ª Divisão no seu exterior para proporcionar segurança ao reconhecimento. Vasco Alves arrebanhou cerca de 3mil reses, seiscentos cavalos e quatrocentas ovelhas no interior do potreiro, que foram trazidos para fora e conduzidos para Villeta por um de seus corpos. Vasco Alves recebeu ordens para tomar a retaguarda do entrincheiramento inimigo, o que cumpriu imediatamente.

Era cerca do meio-dia quando o exército estacionou nas fraldas da Loma de Cumbariti. Caxias fez novo reconhecimento da posição e determinou que a artilharia iniciasse sua barragem. Às 15h, desencadeou o ataque geral. Ambos os corpos tiveram grande dificuldade em ultrapassar as trincheiras paraguaias. Caxias determinou a Andrade Neves que reforçasse o 1º Corpo, pela esquerda, com a sua 2ª Divisão de Cavalaria. O terreno não era propício ao seu emprego. Caxias lança os pontoneiros para abrir uma brecha na trincheira, o que permite que os quatro corpos da divisão penetrem o interior da posição, onde combatem contra infantes e se contrapõem às cargas da cavalaria de Caballero. Andrade Neves é ferido e retirado do combate. O 1º Corpo conquista parte das trincheiras e apodera-se de 14 canhões. A noite chega e o combate é suspenso. Aí vão permanecer até o dia seguinte, mantendo o terreno conquistado.

No flanco direito, José Luís não tem melhor êxito. Embora tenham penetrado o interior da posição e tomado três canhões do inimigo, não

conseguiram nela permanecer. Na chegada da noite retrocederam e se estabeleceram nas fraldas da Loma de Cumbariti. O corpo teve 1846 baixas, dentre as quais, 116 oficiais.

Já o ataque de João Manoel foi de completo êxito. Rompeu a linha do Piquiciri, abrindo caminho para os efetivos que atuavam ao sul, im-



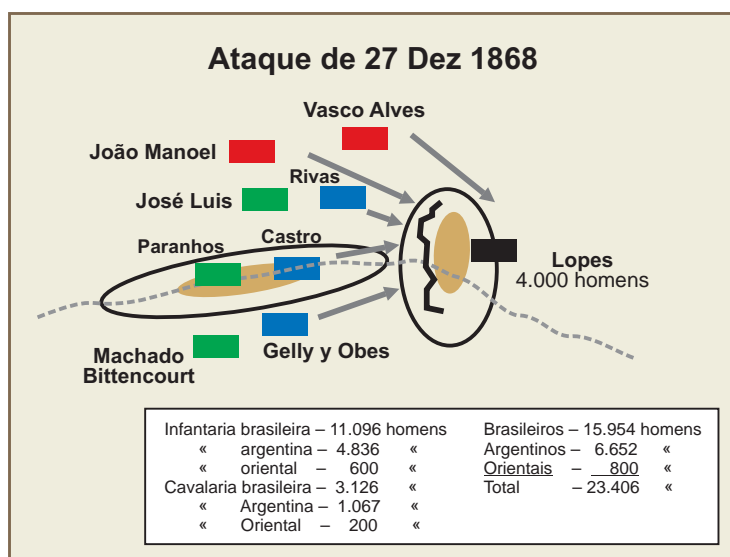
pôs mais de mil baixas ao inimigo, dentre elas, duzentos prisioneiros, capturou 32 canhões e grande quantidade de armamento e munições. Além disso possibilitou o isolamento de Angostura pela 5ª Divisão de Cavalaria.

A tropa de Palmas, composta de argentinos, uruguaios e brasileiros, entre eles, a 6ª Brigada de Infantaria e a Brigada de Artilharia de Mallet, teve pequena participação na operação, não chegando a influir no seu resultado.

Segundo o General Resquim, chefe do estado-maior de López, combateram neste dia cerca de 13 mil paraguaios contra os pouco mais de 19 mil brasileiros. Suas baixas atingiram 8 mil homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

No dia seguinte, 22 de dezembro, Caxias convocou a Brigada Paranhos General argentino

Gelly y Obes e o General oriental Castro, estacionados em palmas com suas forças, para tomar parte na operação decisiva contra López que se tinha emboscado na mata de Ita-Ibaté com algumas poucas peças de canhão. Com eles, o Coronel Emílio Mallet e seu corpo de artilharia a cavalo. Mandou vir também de Humaitá um



corpo de cavalaria, o 1º Batalhão de Artilharia a Pé, armado como infantaria e os últimos contingentes chegados do Brasil que ali, provavelmente, recebiam treinamento de combate; eram cerca de 2 mil homens.

Foi estabelecida uma linha de cerco. No dia 23, procedeu a um reconhecimento da direita do inimigo, o flanco oeste da posição de López e verificou a possibilidade de “fazer entrar por esse lado força de cavalaria que lhe cortasse a retirada”.<sup>15</sup> Esse dado foi confirmado por um prisioneiro paraguaio que igualmente afirmou ser a posição aberta pela retaguarda, facilitando por aí um ataque. Acrescentou que López tinha

<sup>15</sup> Tasso Fragoso, *ibid*, pág 122

<sup>16</sup> *Ibid*, pág 123.

<sup>17</sup> *Ibid*, pág 130, Nota de pé de página.

ainda 11 canhões, cavalaria e infantaria, cerca de seiscentos homens, estando para receber um reforço de seis batalhões.<sup>16</sup>

No dia 24, véspera de Natal, os comandantes militares da Aliança enviaram um ultimato a López para que se rendesse, o qual recusou. Caxias determinou que a posição paraguaia fosse bombardeada no dia 25, e para isso dispôs 46 canhões, dentre eles, uma bateria argentina e uma seção oriental. Às 6h, rompeu-se o fogo e durante hora e meia foram lançados 2300 projéteis sobre a posição de Ita-Ibaté. Embora tenha causado muitas baixas, não existe informação correta sobre o seu número.

Ainda nesse dia o inimigo tentou emboscar elementos da 3ª Divisão de Cavalaria que estava no Potreiro Marmol, mas foi contraemboscado, sofrendo mais de duzentas baixas, na sua maioria, mortos.

Caxias havia reorganizado as forças brasileiras dissolvendo batalhões, brigadas, divisões e corpos de exército. Combateram no primeiro ataque a Lomas Valentinas dois corpos de exército, três divisões, 12 brigadas e 33 batalhões de infantaria, além das quatro divisões de cavalaria, do 2º Regimento de Artilharia a Cavalo e do Batalhão de Engenharia, todos brasileiros. Para o ataque final desencadeado no dia 27, o exército imperial foi organizado com duas divisões de infantaria, sete brigadas e 21 batalhões dessa arma, além das mesmas divisões de cavalaria e contando com três regimentos de artilharia a cavalo, num total de 15954 homens. Os argentinos somavam 6652 homens e os orientais oitocentos. Eram, portanto, 23406 aliados contra os 4 mil paraguaios de López.

O dispositivo foi organizado em três colunas com os argentinos e orientais em primeiro escalão, cuja razão de tal emprego não foi explicada por Caxias,<sup>17</sup> mas certamente deve ter pesa-

do o desgaste da tropa brasileira com os três combates anteriores. O combate foi iniciado com uma barragem, às 6h, com os mesmos 46 canhões que atuaram no dia 25 e logo em seguida desencadeou-se o ataque das três colunas. A 3ª Divisão de Cavalaria continuava estacionada no Potreiro Marmol. As 1ª e 2ª Divisões de Cavalaria apoiaram a ação das colunas de infantaria.

Centurion registra o fim da batalha: “A infantaria inimiga ia avançando com algumas peças de artilharia, depois de convulsionar e destroçar nossos poucos batalhões de recrutas. Só quando chegou a uma quadra do quartel-general, o marechal se retirou lentamente, com seu estado-maior, pelo caminho do Potreiro Marmol, à vista de todo o exército inimigo, sem desprender este ou seu chefe nenhuma força em sua perseguição.”<sup>18</sup>

A fuga de López tem gerado uma grande controvérsia entre os inúmeros historiadores que se dedicam a analisar a Guerra da Tríplice Aliança. Seria um acerto entre maçons, teria havido a interveniência do Cônsul americano, General Mac Mahon, o terreno facilitou, como justificou Caxias em sua defesa no Senado do Império, por onde andava Vasco Alves com a sua 3ª Divisão de Cavalaria, cuja parte de combate, segundo Tasso Fragoso, nunca foi encontrada.<sup>19</sup> E quanto à participação de Bernardino Caballero, que com seus cavalarianos deu cobertura à fuga?

Resta relatar a rendição de Angostura, isolada por Câmara e seus cavalarianos. No dia seguinte ao combate de Ita-Ibaté, Caxias intimou Thompson a se render, com base na derrota e fuga de López. Os paraguaios sitiados não acreditaram e solicitaram verificar *in loco* a veracidade de tal

informação. Caxias concordou e feita a verificação se renderam em 30 de dezembro. Eram 1350 homens acompanhados de mulheres e crianças. No fortim foram encontradas 42 bocas-de-fogo, dois obuses, 5630 fuzis, além de grande quantidade de munição.

A análise das perdas nos mostra a dimensão dos combates travados. Em Tuiuti, as aliadas to-

Perdas	Mortos	Feridos	Contusos	Extraviados	Geral
Itororó	241	1.343	130	92	1.806
					1.200
Avaí	166	473	63	27	729
	3.600	800		600	5.000
Lomas Valentinas	157	983	102	70	1.312
					8.000
Itá-Ibaté	69	263	43		378
					4.000

Brasileiros – 4.625 homens  
Paraguaios – 18.200 homens

talizaram cerca de 4 mil, das quais 3 mil brasileiras; os paraguaios 13 mil. No Piquiciri foram 4625 para os aliados sendo que os argentinos somaram apenas 606, pois só participaram do combate final; os paraguaios, 18 mil.

O quadro acima ressalta a carnificina de Itororó e mostra que a maior perda paraguaia foi no ataque de 21 de dezembro, que não foi conclusivo. Caxias ressalta que sua maior perda nessa operação foi a de seus oficiais, que totalizou 301, grande parte, chefes experientes e líderes importantes, o que explica a sua amargura no ofício reservado que endereçara ao Ministro da Guerra no dia 26 de dezembro, comentando que não foi possível prosseguir no ataque de 21 em face da tibieza de muitos corpos resistindo às vozes de comando de seus chefes, procurando antes retroceder e não avançar.<sup>20</sup>

Chegamos ao final deste ensaio com a sensação de termos reunido os dados necessários

<sup>18</sup> Tasso Fragoso, *ibid*, pág 136.

<sup>19</sup> *Ibid*, pág 133.

<sup>20</sup> Doratioto, *ibid*, pág 368.

para responder à indagação colocada no início do trabalho, com que buscamos interpretar as queixas de Caxias sobre a baixa combatividade de suas tropas durante a manobra do Piquiciri. O estresse, tanto da tropa, quanto do seu comandante-em-chefe, foi o principal fator constatado. Estresse causado por diversos outros fatores, igualmente importantes, como as condições do terreno, as condições meteorológicas, as dificuldades logísticas, a longa duração da campanha, as perdas significativas – ressaltadas as de líderes importantes que, em função de suas capacidades, superavam dificuldades em momentos decisivos. À medida que iam sucumbindo, aumentavam as dificuldades na condução da tropa e na conquista do êxito.

Resta dizer que, conquistado o Piquiciri, o exército aliado ocupou Assunção na noite de 1º de janeiro, com uma brigada de infantaria transportada pela esquadra e com o grosso das tropas, cinco dias depois.

Caxias, na sua Ordem do dia nº 272, escrita em Assunção, no dia 14 de janeiro, declarou:

*“A guerra chegou a seu termo, e o exército e a esquadra brasileiros podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas.”*

Dois dias antes, oficiara ao Ministro da Guerra solicitando uma licença de três meses para tratar de sua saúde abalada e um substituto, já que Osório e Argolo, homens em quem confiava para o exercício de tão nobre comando, estavam feridos. Designou o Tenente-Coronel Rufino Enéas Galvão, oficial de seu estado-maior, para entregar

pessoalmente essa correspondência e explicar a situação. O Tenente-Coronel Galvão partiu de navio no dia 15 de janeiro. No dia 17, dois dias depois, Caxias teve uma síncope na Catedral de Assunção, quando assistia ao serviço religioso. A conselho médico, passou o comando das forças brasileiras ao Marechal Guilherme Xavier de Souza, que convocara para substituí-lo. A bordo do vapor Guaporé, na manhã do dia 19, zarpu para Montevidéu. Lá, no dia 7 de fevereiro, divulgou sua Ordem do Dia nº 275, onde se lê:

“Achando-me gravemente enfermo e tendo obtido do governo imperial licença para tratar de minha saúde no Brasil, é com o coração oprimido pela dor que sinto, ao separar-me do exército, a quem me coube a honra de comandar, que dirijo-me aos meus camaradas para dizer-lhes os meus adeuses.

*Se, por ventura, tiver a fortuna de restabelecer-me nos lares pátrios, contem os meus bravos companheiros de glórias e fadiga, que ainda voltarei um dia para continuar a ajudá-los na árdua campanha em que nos achamos empenhados.”*<sup>21</sup>

Essa última proclamação, que fez a seus homens como comandante-em-chefe, mostra que sabia que a guerra não estaria terminada sem a captura ou destruição de Solano López. Ela registra o temperamento e as virtudes do guerreiro que colocou a sua vida a serviço da Pátria.

.....  
GENERAL DE BRIGADA SERGIO R. D. MORGADO, oriundo da Arma de Cavalaria. Natural da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Conselheiro da Fundação Cultural Exército Brasileiro.

<sup>21</sup> Tasso Fragoso, *ibid*, pág 158.